

Estudo transversal para levantamento do perfil da proficiência na língua inglesa em estudantes universitários de medicina

A cross-sectional study for outlining medical university students' proficiency in the english language

AMARAL, Patricia Ferraz do [1](#); MARTINS, Jamerson José [2](#) e COUTINHO, Diogenes José Gusmão Coutinho [3](#)

Recebido: 06/06/2019 • Aprovado: 30/08/2019 • Publicado 16/09/2019

Conteúdo

- [1. Introdução](#)
- [2. Metodologia](#)
- [3. Resultados](#)
- [4. Conclusões](#)

[Referências bibliográficas](#)

RESUMO:

Neste presente trabalho, entendemos que a globalização abre as portas para as oportunidades afora, precisamos entender que a língua inglesa está em evidencia em várias áreas profissionais, e culturais, tornando-se a integração mundial e especialmente na área de saúde. E por esta razão, elaboramos um estudo transversal e objetivamos em avaliar a proficiência de inglês de 144 estudantes universitários de medicina e relacionar as variáveis associadas. Um questionário foi estruturado para obter informações sobre as variáveis relacionadas e selecionadas para este estudo.

Palavras chave: Aprendizagem - Língua inglesa - Proficiência

ABSTRACT:

In this present work, we understand that globalization opens doors to opportunities and beyond, although, we need to understand that the English language is evident in several professional and cultural areas, becoming the worldwide integration and especially in the health area. For this reason, we developed a cross-sectional study and aimed to evaluate 144 medical students' English proficiency and relate the associated variables. A questionnaire was structured to obtain information about the related and selected variables for this study.

Keywords: English Language - Learning - Proficiency

1. Introdução

O presente artigo objetivou em avaliar o grau de proficiência de inglês de estudantes universitários de medicina e relacionar as variáveis associadas na condição acadêmica como estudar livros em inglês, ler artigos científicos em inglês, ver vídeos científicos em inglês, participação em congressos ou eventos médicos e/ou estudantis internacionais e o impacto dessas atividades na aquisição da segunda língua.

Através das minhas pesquisas entre incalculáveis buscas em literaturas e revisões bibliográficas, livros, artigos, publicações científicas, dissertações, periódicos, entre outros, tanto em níveis nacionais e internacionais, muito pouco sobre o tema deste artigo foram encontrados. E assim, aprofundaremos e tentaremos ajudar e colaborar com estes estudantes universitários de medicina e entre outros estudantes de outras áreas em adquirirem o conhecimento e poderem aprender a língua inglesa para alcançarem os seus propósitos e os objetivos.

Neste presente artigo objetivamos em buscar o levantamento do perfil da proficiência na língua inglesa dos estudantes universitários de medicina e indicar as habilidades e relacionar com as variáveis associadas. E de acordo com Gil, O que geralmente o pesquisador busca é o estabelecimento de relações assimétricas entre as variáveis. As relações assimétricas indicam que os fenômenos não são independentes entre si (relações simétricas) e não se relacionam mutuamente (relações recíprocas), mas que um exerce influência sobre o outro (2002, p.33).

Contudo, tentaremos avaliar o perfil da proficiência da língua inglesa que possa relacionar estratégias de ensino e aprendizagem da língua durante a graduação do curso de medicina para os estudantes e desta forma, poderemos exercer uma formação discente mais qualificada.

2. Metodologia

Tipo do estudo

Este é um estudo tipo corte transversal com componente analítico, as aferições foram realizadas em um único ponto no tempo para cada participante do estudo e as informações coletadas foram durante o período entre os meses de março a junho de 2017. (HULLEY, 2003).

Local do estudo

O estudo foi realizado na Faculdade Pernambucana de Saúde localizada em Recife, no estado de Pernambuco, foi fundada em 2005 e trabalha com metodologia ativa de ensino aprendizagem utilizando a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). O curso de Medicina apresenta em média 132 estudantes por ano, divididos em cada período em duas turmas com cerca de 70 estudantes cada. Cada período é composto por quatro módulos com um total de 34 casos problema.

População do estudo

A população do estudo era para ser composta de 132 estudantes, mas no final, obtivemos um número acima do que esperávamos, coletamos dados de 144 estudantes da Faculdade de Medicina em Recife do 1º, 3º, 5º e 7º períodos.

Amostra / Amostragem

Levando-se em consideração estes dados, um total de 528 estudantes (132 por período nos quatro períodos que se pretende avaliar durante os quatro primeiros anos do curso médico) e considerando um nível de confiança de 95,0% encontra-se o número de 110, sendo 33 estudantes em cada período.

Acrescentando-se mais 20,0% por prováveis perdas obteve-se o número final de 132 estudantes em cada período. Em relação à amostragem, foi realizada uma seleção aleatória ou randômica dos estudantes: foi elaborada uma lista com os números de matrícula dos estudantes e a partir da geração de uma tabela de números aleatórios, foi realizado o sorteio para a inclusão dos potenciais estudantes, utilizando-se o programa Ri386 3.2.4.

Critérios de seleção

Critérios de inclusão

Estudante

- Ser estudante da Faculdade de Medicina em Recife participando dos módulos dos 1º, 3º, 5º e 7º períodos de 2017;

Critérios de exclusão

- Licença Médica ou não compareceram durante o período de coleta dos dados.

Definição e operacionalização de termos e variáveis

Idade: variável numérica contínua expressa em anos desde o nascimento até o momento da coleta de dados informada pelo participante. Poderá ser estratificada posteriormente para a análise.

Sexo: variável nominal categórica dicotômica, definida pelo conjunto de características físicas e funcionais que diferenciam o homem da mulher, segundo a informação do participante no momento da coleta dos dados. Categorizada para a análise em 1. Masculino e 2. Feminino.

Renda per capita: variável numérica contínua expressa em reais, calculada dividindo-se o valor total dos rendimentos da família pelo número dos habitantes no domicílio. Poderá ser categorizada posteriormente para fins de análise;

Escolaridade dos pais: variável nominal categórica policotômica, definida pelo nível de escolaridade, categorizada para análise em: 1. Nível fundamental incompleto, 2. Nível fundamental completo, 3. Nível médio incompleto, 4. Nível médio completo, 5. Nível superior incompleto, 6. Nível superior completo; 7. Pós-graduação

Estado civil: variável categórica nominal policotômica. Categorizada para análise em: 1. Solteiro, 2. Casado, 3. Divorciado, 4. Viúvo e 5. União estável

Profissão dos pais: variável nominal definida pela profissão exercida pelos pais no momento da coleta dos dados. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

Nacionalidade dos pais: variável nominal definida pelo local de nascimento dos pais. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

Nacionalidade do participante do estudo: variável nominal definida pelo local de nascimento do participante. Se possível, será posteriormente categorizada em grupos.

Aulas de inglês no ensino fundamental: variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de aulas de inglês durante o ensino fundamental. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não;

Aulas de inglês no ensino médio: variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de aulas de inglês durante o ensino médio. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não;

Cursos de inglês fora do currículo escolar (anos?): variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de cursos de inglês fora da escola. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não. Poderá também ser tratada como variável numérica contínua para os que responderem sim;

Curso de inglês durante a graduação: variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de curso de inglês durante a graduação. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Intercâmbio em país de língua inglesa: variável nominal categórica dicotômica, definida pela presença de intercâmbio em país de língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Moradia em país de língua inglesa: variável nominal categórica dicotômica, definida pela moradia em país de língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Estudo em livros científicos em inglês: variável nominal categórica dicotômica, definida pelo estudo em livros científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Leitura de artigos científicos em inglês: variável nominal categórica dicotômica, definida pela leitura de artigos científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Assistir vídeos científicos em inglês: variável nominal categórica dicotômica, definida por assistir vídeos científicos em inglês. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Participação em congressos internacionais: variável nominal categórica dicotômica, definida pela participação em congressos internacionais. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não.

Publicação de artigos na língua inglesa: variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela publicação de artigos na língua inglesa. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não

Utilização da língua inglesa para lazer: variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela utilização da língua inglesa para lazer: filmes, música, leitura, eventos, redes sociais e viagens. Categorizada para análise em 1. Sim e 2. Não

Autodeclaração em relação à proficiência na língua inglesa: variável nominal categórica dicotômica caracterizada pela capacidade de falar e/ou compreender e/ou escrever e/ou ler na língua inglesa. Categorizada para análise de cada subitem em 1. Sim e 2. Não.

Fluxograma da coleta de dados

Na primeira instancia, entramos em contato com o coordenador do curso de medicina de cada período para explicar sobre a realização do estudo e solicitou autorização para a coleta de dados. Depois de ter entrado em contato com o coordenador do curso, foi realizado um contato prévio com os estudantes, explicando os objetivos da pesquisa e esclarecendo possíveis questionamentos. Após que os estudantes tiveram concordado em participar do estudo, lerem e esclareceram as dúvidas, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), e por fim, foi aplicado o formulário aos estudantes para a caracterização do seu perfil sociodemográfico e a proficiência na língua inglesa.

Instrumento para a coleta dos dados

Um formulário foi elaborado para registrar os dados com base nas variáveis selecionadas para o estudo e contidas nos objetivos específicos para possibilitar o alcance dos objetivos propostos.

Processamento e análise dos dados

Após coleta dos dados foi construído em dupla entrada um banco de dados utilizando-se o programa EPI Info 3.5.3. Para a análise de consistência dos dados foi utilizado o Módulo Data Compare do Epi Info. Foram obtidas medidas de tendência central e dispersão (medianas e seus quartis) para as variáveis contínuas e foi verificada a distribuição de frequência (percentual) para as variáveis categóricas.

Para identificar possíveis fatores associados à motivação intrínseca nos grupos tutoriais, considerou-se como categoria de referência aquela cujo desfecho (motivação intrínseca com escore médio >3) apresentou maior frequência. A partir daí realizou-se inicialmente a análise univariada de Poisson, e as variáveis que apresentaram valores <0,20 (HOSMER; LEMESHOW; STURDIVANT, 2013), habilitaram-se a ingressar na análise multivariada de Poisson. Nesta etapa da análise, para fins estatísticos permaneceram no modelo final as variáveis que apresentaram valor p <0,05.

Aspectos éticos

A pesquisa obedeceu aos critérios éticos da Resolução 466 de Dezembro de 2012. Os estudantes que participaram da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foram esclarecidos quanto à finalidade do estudo. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade Pernambucana de Saúde soube o numero do CAAE: 50785515.2.0000.5569

3. Resultados

Os estudantes universitários de medicina representam o estudo, o conhecimento, e a produção do que aprenderam para colocar em prática e criando autonomia para consolidar os seus objetivos. E são estes estudantes de medicina que poderão alcançar estes objetivos e com a utilização da língua inglesa melhorarão ainda mais, porque com a língua inglesa, é a que transmite e adquire informações e exige o domínio para podermos interagir com o mundo globalizado.

Contudo, podemos observar que a língua inglesa vem ocupando esse lugar como língua oficial para a integração global, exigindo dos aprendizes, neste caso, os estudantes de medicina, e, sobretudo, destes futuros profissionais, a busca pelo domínio da língua. Como Holden cita, "O inglês talvez seja o principal exemplo de uma língua global. É usado para transmitir informações em áreas como a ciência e tecnologia, nas artes e no mundo do trabalho" (2009. p.13).

Vejamos os 144 estudantes universitários de medicina que foram identificados, 73,6% eram do sexo feminino, a idade variou entre 17 a 35 anos, com a mediana de 22 anos (IQR= 20 a 24 anos) e 93,8% eram solteiros.

Quanto à condição sociodemográfica dos estudantes, a renda familiar variou entre R\$850,00 a R\$50.000,00, com mediana de R\$10.000,00 (IQR= R\$5.000,00 a R\$18.000,00).

No que concerne à escolaridade, 21,4% dos pais apresentavam ensino médio, 29,0% nível superior e 28,2% pós-graduação, enquanto 10,7% tinham o mestrado. Já quanto à escolaridade das mães, apresentavam 15,9% no ensino médio, 37,9% apresentavam nível superior, 29,5% pós-graduação, 11,4% mestrado e 4,5% doutorado.

No que diz respeito à profissão dos pais, o maior percentual observado foi de médicos (16,9%), e, em seguida engenheiros (11,5%) e comerciantes (8,5%). Quanto às mães, o maior percentual foi de professoras (13,5%), e em seguida médicas (12,0%), sendo 7,5% do lar.

No tocante à nacionalidade das mães e dos pais dos estudantes, a maioria era brasileira (100% e 98,6%, respectivamente), com exceção de um dos pais que era italiano (0,7%) e outro português (0,7%). A maioria dos estudantes era de nacionalidade brasileira (99,3%) com exceção de um estudante que era italiano (0,7%).

Mas podemos verificar que a maioria dos estudantes referiu-se ter inglês durante o curso fundamental e no ensino médio (95,1% para ambos), enquanto que a maioria, 77,8%, referiu ter aulas de inglês fora do currículo escolar.

Em relação aos resultados acima sobre o inglês durante os estudos, isso demonstra que a língua inglesa esteve presente no período do ensino escolar, o fundamental ao médio destes estudantes, porém, constatamos que a maioria tiveram aulas de inglês fora do currículo escolar. Observamos que nas escolas podem talvez tenham tido um déficit ou lacuna no ensino da língua inglesa, e por esta razão os estudantes frequentaram mais os cursos de inglês, no qual veremos agora o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação tem a mencionar a este respeito.

Como podemos observar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB n. 9.394/96, no Art.26 § 5 da Educação Básica cita que, "Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição" (BRASIL, 1996), enquanto no Ensino Médio, a LDB no. 9394 do Art. 36. III. cita que, "Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição" (BRASIL, 1996).

Conforme analisamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação não conseguiram mudar este contexto de ensino de línguas estrangeiras, como podemos ver eram obrigatório incluir pelo menos uma língua estrangeira, tanto no ensino básico como no ensino médio, mas não menciona qual língua estrangeira seria lecionada e nem a segunda optativa, mais uma vez bastante confusas e contraditórias.

Mas agora vejamos o que a LDB 9394 da Educação Básica do Art. 24§ IV cita depois de tanto ensino de línguas estrangeiras "obrigatórias" que, "Poderão organizar-se classes ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares" (BRASIL, 1996), e como podemos observar neste artigo, o ensino de línguas estrangeiras demonstra não ser muito valorizado para LDB e nem para ensino e instituições ou será que é falta de interesse deles mesmos?

E depois no mesmo Art. 26 §5º que foi dada a Redação pela Média Provisória no. 746 de 2016 menciona que, "No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa", e que neste mesmo artigo 26 §5º foi dada como uma Redação pela Lei no. 13.415 de 2017 com a mesma citação de 2016, mas vejamos que estas leis tornam-se contraditórias, porque antes, a partir da quinta série era obrigatório o ensino de pelo menos uma língua estrangeira e agora a língua inglesa é ofertada a partir da sexta série, como podemos ensinar adequadamente a língua inglesa ou até mesmo línguas estrangeiras se não temos uma determinação correta e definida?

Pelo o que estamos entendendo, mais uma vez, como no passado, as línguas estrangeiras, ou neste caso, a língua inglesa, apresenta uma indecisão constante e durante estes anos todos, o ensino de línguas estrangeiras ou mesmo da língua inglesa, nos leva a pensar que o sistema de ensino não tem o interesse em ensinar línguas estrangeiras, ou talvez seja que, as línguas estrangeiras não são mais interessantes ou necessárias para aprenderem.

Agora, vejamos que no Art. 35-A§4º no ano de 1996 citava que,

Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino (BRASIL, 1996).

Observem que este mesmo artigo 35-A§4º foi incluindo na Lei no. 13.415 de 2017 na Base Nacional Comum Curricular, e com isso, analisamos que no geral, o ensino de línguas estrangeiras ou da língua inglesa não obteve determinação ou mudança alguma nos últimos 22 anos, e até quando vai ficar assim?

Por esta razão, se tivéssemos o ensino de línguas estrangeiras, o inglês e o espanhol, como temos o ensino da língua portuguesa, tornando estas línguas "obrigatórias" desde o início do ensino básico, os aprendizes podiam estar apreciando e aprendendo mais estas línguas estrangeiras, igual como a sua própria língua materna, o português, e poderiam adquirir uma grande desenvoltura na aprendizagem destas línguas estrangeiras.

E assim, ainda podemos notar mais uma vez, que a língua inglesa continua sendo uma disciplina de pouca consideração nas escolas, especialmente no ensino básico e fundamental, pelo fato que a Lei 13.415 de 2017 aumentou mais um ano, da 5ª série para 6ª série para aprender o inglês, e os estudantes poderiam aproveitar mais nesta fase desde o início do ensino básico, nas séries mais novas, o ensino da língua inglesa para conseguirem e obter uma aprendizagem de qualidade e formação de línguas estrangeiras de forma natural.

Enfatizamos esta colocação porque entendemos que as crianças tem capacidade em desenvolver com mais facilidade a comunicação e a aprendizagem de línguas, assim como, as idades iniciais. O domínio das línguas em crianças nesta fase iniciais torna mais fácil o desenvolvimento e as associações tanto com a língua materna como as línguas estrangeiras, tornando a aprendizagem destas línguas bem mais fáceis para as crianças aprenderem. Segundo Vygotsky,

[...] a criança domina simplesmente a estrutura externa do significado da palavra, assimila que cada objeto corresponde a sua própria palavra, domina a estrutura que pode unificar a palavra e o objeto, de forma que a palavra que identifica o objeto venha a ser propriedade do objeto (2000, p.175).

E de acordo com as autoras Pereira e Peres em relação ao ensino de línguas estrangeiras para as crianças, citam que,

Alguns estudiosos, como Penfield e Roberts (1959) e Lennenberg (1967), defendem a infância como o momento ideal para o início formal dos estudos de língua. Esse momento da vida, denominado como período crítico ou período sensível é, segundo os autores, considerado como o ideal para o desenvolvimento das habilidades cognitivas da criança (2011, p.41).

E também as mesmas autoras mencionam que,

Ao considerarmos a relação entre idade e tempo curricular semanal de exposição à língua, temos que a criança que começar a estudar com sete anos de idade demorará pouco mais de dez anos para alcançar o nível intermediário, ou seja, ela provavelmente alcançará esse nível de conhecimento por volta dos dezessete anos (2011, p.42).

Por estas razões, podemos enfatizar que é extremamente importante começar o ensino de línguas estrangeiras para as crianças logo no início da vida, para desenvolver, neste caso, uma língua estrangeira mais rapidamente, naturalmente e com espontaneidade.

Mas retornando aos estudantes universitários de medicina, acreditamos que o ensino da língua inglesa é essencial para que eles possam desenvolver em todos os aspectos, na vida pessoal e profissional. Agora vejamos que, entre os estudantes, na tabela demonstra que o inglês fora do currículo escolar teve um valor alto, porque entendemos que o ensino da língua inglesa dentro das escolas do ensino fundamental e médio provavelmente não era o suficiente para o desenvolvimento da aprendizagem que eles buscavam ter.

E assim, os estudantes recorreram e recorrem aos cursos de inglês para poderem adquirir um pouco mais da

aprendizagem da língua inglesa, mas isso também é preocupante, porque segundo Malvezzi, ela menciona justamente isso, “a sociedade brasileira ainda é corrente a ideia de que o domínio de uma segunda língua só se concretiza por meio de cursos particulares de idiomas”. (2013, p.16288).

Por isso, entendemos que precisamos desenvolver uma melhoria nas escolas e também nos cursos de inglês para podermos formar e adquirir uma melhor aprendizagem da língua inglesa e de línguas estrangeiras. E incentivar estes estudantes em terem uma experiência fora do país, para poderem conhecer uma cultura diferente e aperfeiçoar a língua que pretendem estudar. Esta experiência é muito válida para os aprendizes especialmente para o lado pessoal como profissional.

Mas vejamos que as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná, procuram as necessidades que os aprendizes precisam para unir a aprendizagem da língua e adquirir o conhecimento de uma cultura, sendo assim que,

No ensino de Língua Estrangeira, a língua, [...] contempla as relações com a cultura, o sujeito e a identidade. [...] ensinar e aprender línguas é também ensinar e aprender percepções de mundo e maneiras de atribuir sentidos, é formar subjetividades, é permitir que se reconheça no uso da língua os diferentes propósitos comunicativos, independentemente do grau de proficiência atingido (PARANÁ. 2008, p.55).

Mas como observamos que aprender uma cultura e aperfeiçoar uma língua estrangeira, é necessário ter uma oportunidade para realizar isso. E como podemos averiguar, a minoria (12,5%) dos estudantes deste estudo tiveram a oportunidade em morar em outro país de língua inglesa. A Inglaterra (50,0%), os Estados Unidos (27,8%) e o Canadá (22,3%) foram os países mais frequentemente relatados, e o período de moradia variou de um mês a 48 meses. E entre fazer intercâmbio em país de língua inglesa foi referido que a minoria (17,4%) dos estudantes foram para a Inglaterra (46,2%) como a primeira escolha e os Estado Unidos (34,6%), foi a segunda escolha.

Isso demonstra que a necessidade dos estudantes terem morado ou feito intercâmbio ajudaram em aprender e desenvolver melhor a língua e puderem conviver em uma cultura diferenciada, dando a eles a oportunidade em conhecer a língua e a cultura. Conforme Janice menciona sobre a língua sendo unida a cultura,

A língua é a mediadora da cultura; a cultura é interpretada pela língua; a cultura é conservada e relatada da língua, [...]. Consequentemente, quando se fala em língua, fala-se em cultura, e quando se fala em cultura, fala-se em língua. Elas andam de mãos dadas (2002, p.19).

Por isso, os aprendizes precisam ter oportunidades para poderem estudar ou até morar um tempo fora para obter uma boa fluência da língua estrangeira e conhecer de perto a cultura daquele país em que o aprendiz queira viver. Segundo, Santos e Santos que entendem sobre o intercâmbio citam,

[...] Realizar um intercâmbio hoje é uma oportunidade conveniente para quem quer aperfeiçoar um idioma, crescer profissionalmente e pessoalmente, o que faz com que constantemente os estudantes procurem esta alternativa para manter o currículo profissional mais competitivo. Assim, os programas de intercâmbio, além de contribuírem com a carreira profissional, auxiliam os jovens a ampliar a visão de mundo e também a compreender melhor outras culturas (2008, p.09).

A partir desta observação, hoje em dia, os estudantes podem aprender ou praticar a língua inglesa fazendo intercâmbio, que neste caso é um recurso mais indicado e que ajuda evoluir muito. Porém, apesar de que muitos estudantes não possam realizar um intercâmbio, existem, outros recursos que podem ajudar os estudantes desenvolver a aprendizagem de línguas estrangeiras no geral como a tecnologia auxiliando, tornando este e outros recursos possíveis em realizar a aprendizagem das línguas estrangeiras que desejam aprender.

Podemos ressaltar que existem muitos outros recursos para aproveitarem e aprenderem a língua inglesa, como, os sites de cursos online, os *podcasts*, os aplicativos, os blogs, os vídeos, as palestras, e os *chats*, e entre outros.

Mas no que concerne às tecnologias e a aprendizagem da língua inglesa, Santos, Beato e Aragão mencionam que, “a inserção das novas tecnologias no ensino de línguas trás um repensar das metodologias de ensino que ai estão, pois a aprendizagem de uma língua vai muito além de ouvir, falar, entender e ler.[...]” (2013, p.15). Contudo, estas tecnologias podem aprimorar, contribuir, facilitar e colaborar na aprendizagem das línguas estrangeiras, e ainda mais no desenvolvimento da língua inglesa. E assim, podemos averiguar os resultados mencionados antes aqui na Tabela 1.

Tabela 1

Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo o estudo da língua inglesa, intercâmbio e moradia em país de língua inglesa. Recife, março a junho de 2017.

Variáveis	Amostra= 144	n(%)	IC95%
Estudo da língua inglesa			
Inglês ensino fundamental			
Sim		137 (95,1)	(90,2-8,0)
Inglês ensino médio			
Sim		137 (95,1)	(90,2-8,0)
Inglês fora da escola			
Sim		112 (77,8)	(70,1-4,2)
Inglês durante a graduação			

Sim	29 (20,1)	(13,9-26,6)
Intercâmbio em país de língua inglesa		
Sim	25 (17,4)	(7,6-19,0)
Moradia em país de língua inglesa		
Sim	18 (12,5)	(4,3-14,1)

Fonte: dados da pesquisa de campo.
(n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

Agora vejamos que a utilização de livros científicos em inglês foi relatada pela a minoria (31,9%) dos estudantes, no entanto, a maioria (75,7%) declara lerem artigos científicos em inglês. A metade dos estudantes revelou que conseguem assistir vídeos científicos sem legendas (50,7%). Apenas a minoria (16,0%) participa de congressos internacionais, e também a minoria (6,3%) publicam artigos em inglês. Como mostra na Tabela 2.

Tabela 2
Distribuição de frequência dos estudantes participantes do estudo segundo a utilização da língua inglesa para estudo. Recife, março a junho 2017.

Variáveis	Amostra = 144	n(%)	IC95%
Utilização da língua inglesa para estudo			
Estudar livros científicos			
Sim		46 (31,9)	(24,4-0,2)
Ler artigos científicos			
Sim		109 (75,7)	(67,8-2,4)
Assistir vídeos científicos sem legendas			
Sim		73 (50,7)	(42,2-9,1)
Participar em congressos internacionais			
Sim		23 (16,0)	(10,4-2,9)
Publicar artigos			
Sim		09 (6,3)	(2,8-11,5)

Fonte: dados da pesquisa de campo. (n=valor absoluto; IC=intervalo de confiança)

Como podemos observar a Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) utiliza uma metodologia de ensino que é a Aprendizagem Baseado em Problemas (ABP), que de acordo com Souza e Dourado explicam um pouco sobre o método ABP,

Apresentamos a ABP como uma estratégia de método para aprendizagem, centrada no aluno e por meio da investigação, tendo em vista à produção de conhecimento individual e grupal, de forma cooperativa, e que utiliza técnicas de análise crítica, para a compreensão e resolução de problemas de forma significativa e em interação contínua com o professor tutor (2015, p.183- 185).

Baseado nesta metodologia, podemos entender que os estudantes se envolvem mais nos estudos, que neste caso é a medicina, e aprendem resolver problemas de forma significativa e continua. E por esta razão, também podemos nos referir que através desta metodologia, os estudantes podem ter acesso à língua inglesa na graduação pelo fato que os materiais para o estudo são encontrados em português, e possivelmente, muito mais são encontrados em inglês.

Por isso, em relação à leitura científica em inglês, os estudantes encontram a necessidade de ler e desenvolver os seus conhecimentos na área de medicina com materiais científicos em português e muito mais em inglês. E com isso, eles conseguem desenvolver mais esta habilidade da leitura por causa dos termos técnicos em inglês do que a do inglês cotidiano, que é uma linguagem mais do dia-dia. Mas também, os estudantes talvez possam obter dificuldades na linguagem técnica, apesar de desenvolver um grau de conhecimento do inglês fazendo associações ou traduções, podendo melhorar um pouco o entendimento do inglês nos materiais científicos.

Conforme mencionamos antes, estas duas formas de leitura, a científica e a cotidiana, são leituras bastante distintas e são desenvolvidas de formas diferenciadas e isso se torna um desafio para os aprendizes que estão aprendendo a língua inglesa. Lin cita sobre o desafio dos aprendizes tem em aprender o inglês, "An active attitude is indispensable to English learning because it may direct the learners' efforts toward learning English effectively, and it may even describe the successfulness of their English learning" [4] (2017, p.109).

Com isso, os estudantes tentam traduzir por eles mesmos ou buscam recursos para obter um melhor e mais facilitado entendimento do estudo destes materiais. Como menciona Yu, "At school, the majority of subject-specific textbooks and professional journals are written in English, though many more have been translated in local language(s) for better comprehension" [5] (2013, p. 124).

E assim, os estudantes universitários, mais especificamente, de medicina, precisam começar a desenvolver a linguagem da área médica em conjunto com a língua inglesa para que a sua aprendizagem, especialmente do inglês, começa a tornar cada vez mais fácil na desenvoltura, por ser uma linguagem mais específica.

De acordo com Vilaça, ele comenta sobre áreas específicas utilizando a língua inglesa de forma técnica, "Disciplinas denominadas *inglês técnico* também são uma forma de ensino de inglês para fins específico. Em geral, esta denominação busca enfatizar que o ensino de inglês esta diretamente voltado para a área de atuação profissional" (2010, p.06).

Acreditamos que pela razão que os estudantes tenham a aprendizagem da metodologia ABP, sendo esta aplicada na faculdade, fazem com que os estudantes desenvolvam a habilidade da leitura com a possibilidade de assistirem vídeos científicos na linguagem técnica da medicina, tanto em português e acreditamos que muito mais em inglês, fazendo com que a sua linguagem seja mais específica na área médica.

Em relação à participação em congressos internacionais e publicações de artigos em inglês, o dado relatado pelos os estudantes foi relativamente um tanto baixo. Acreditamos que seja ainda por falta do domínio da língua inglesa especialmente na área científica. Por isso, aos estudantes precisam aprender e desenvolver melhor a língua inglesa para poderem aprofundar, conhecer e obter um entendimento melhor nesta área científica.

Segundo Freitas cita que, "O domínio de outros idiomas, como a língua inglesa permite ainda o intercâmbio científico e comercial, por proporcionar acesso tanto à bibliografia quanto ao conhecimento científico divulgado em outras línguas. [...]" (2010, p.03). E na mesma linha de raciocínio, Viebig e Pardini mencionam a necessidade do inglês para publicação e congressos internacionais,

Não é suficiente apenas a publicação de resumos e palavras-chave em inglês. Na verdade, o resumo é essencial para atrair a curiosidade de outros pesquisadores, mas é fundamental que o texto seja publicado em língua inglesa, caso contrário, certamente não deverá ser lido ou sequer citado. Temos que nos curvar para a tendência mundial de que o inglês é idioma oficial de congressos internacionais, das publicações e das comunicações em geral (2009, p.162 e163).

Estamos em concordância com o que os autores citaram acima e analisamos que seria necessário o desenvolvimento da língua inglesa para os estudantes em poderem participar em eventos e congressos internacionais e ainda mais, terem capacidade de escrever artigos em inglês para publicações, tornado a língua inglesa essencial na aprendizagem ao longo do curso de medicina.

4. Conclusões

Este artigo objetivou principalmente em buscar o levantamento do perfil da proficiência da língua inglesa dos 144 estudantes universitários de uma faculdade de medicina, tendo esta intenção, avaliamos o levantamento do perfil da proficiência da língua inglesa dos quais vários objetivos específicos foram correspondidos, assim como, identificamos a condição biológica e sociodemográfica, averiguamos o estudo da língua inglesa, apuramos a utilização da língua inglesa para o estudo e lazer, e compreendemos as autodeclarações em relação à proficiência da língua inglesa entre os estudantes universitários.

Diante disto, concluímos que o perfil da proficiência na língua inglesa entre a minoria dos estudantes foi baseada em experiências pessoais enquanto a maioria apresentou uma grande necessidade em aprender, desenvolver e aprimorar na língua inglesa nos estudos da área médica e empenhar-se para serem proficientes na língua inglesa.

Referências bibliográficas

BRASIL. Art. 24 § IV da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11692775/inciso-iv-do-artigo-24-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

_____. Art. 26 § 5 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11692123/paragrafo-5-artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

_____. Art. 26 § 5 da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Redação pela Média Provisória no. 746 de 2016. Acesso em: 07 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11691973/artigo-26-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

_____. Art. 35-A§4º da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/143184458/artigo-35a-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>;

_____. Art. 35-A§4º da Lei de Diretrizes e Bases da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm;

_____. Art. 36, III da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Acesso em: 07 de outubro de 2018. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>;

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Acesso em: 30 de setembro de 2018. Disponível em: <https://proplan.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/7/2014/09/LEI-n%C2%B0-9.394-de-20-de-dezembro-de-1996.pdf> ;

_____. Lei Nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, entre outras providências. Disponível Ens. Tecnol. R., Londrina, v. 1, n. 2, p. 258-271, jul./dez. 2017. Página | 270. Acesso em: 05 de agosto de 2018. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>;

- FREITAS, C.P.C. A Necessidade da Língua Inglesa no Mundo Globalizado. FINOM – Faculdade do Nordeste de Minas. Pós Graduação da Língua Inglesa. Projeto de Pesquisa. Acesso em: 21 de abril de 2015. Disponível em: carlaingles.com/2013/03/10/projeto-de-pesquisa-a-necessidade-da-lingua-inglesa-no-mundo-globalizado/ ;
- GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. In: GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-58. Acesso em: 12 de outubro de 2018. Disponível em: https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf;
- HOLDEN, S. O ensino da língua inglesa nos dias atuais. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009;
- HOSMER, D.W.; LEMESHOW, S.; STURDIVANT, R.X. *Applied Logistic Regression*. Third Edition. New York: John Wiley & Sons. 2013; 500 pp;
- HULLEY, S. B. Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica / Stephen B. Hulley, Steven R. Cummings, Warren S. Browner, Deborah Grady, Norman Hearst, Thomas B. Newman; trad. Michael Schmidt Duncan e Ana Rita Peres. - 2.ed. - Porto Alegre : Artmed, 2003;
- JANICE, L.M.M. Como esta a questão da cultura no ensino de língua estrangeira (inglês) frente aos parâmetros curriculares nacionais. Uberlândia, 2002. (Dissertação Mestrado) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2002. Acesso em: 04 de outubro de 2018. Disponível em: www.fazu.br/biblioteca/documentos/dissertacao_janice.pdf;
- LENNENBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova York: Wiley and Sons, 1967;
- LIN, Lu-Fang. *Impacts of the Problem-based Learning Pedagogy on English Learners' Reading Comprehension, Strategy Use, and Active Learning Attitudes*. Journal of Education and Training Studies. Vol. 5, No. 6; June 2017. Acesso em: 02 de setembro de 2018. Disponível em: [/https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1141432.pdf](https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1141432.pdf) ;
- MALVEZZI, K.F. O Ensino de Língua Estrangeira na Educação Básica Brasileira: Novos Caminhos. 2013. Acesso em: 15 de julho de 2018. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7183_4120.pdf ;
- PARANÁ. Departamento de Educação Básica. Diretrizes Curriculares de Língua Estrangeira Moderna para a Educação Básica. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008. Acesso em: 19 de maio de 2018. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf;
- PENFIELD, W.; ROBERTS, L. *Speech and brain mechanisms*. Princeton: Princeton University Press, 1959;
- PEREIRA, A.C.S.; PERES, M. R. A Criança e a Língua Estrangeira: Contribuições Psicopedagógicas para o Processo de Ensino e Aprendizagem. Construção Psicopedagógica, São Paulo-SP, 2011, Vol. 19, n.18, pg. 38-63. Acesso em: 26 de setembro de 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v19n18/06.pdf>;
- SANTOS, T.F.; BEATO, Z.; ARAGÃO, R.C. AS TICS E O ENSINO DE LÍNGUAS. III Seminário e Pesquisa e Extensão em Letras. Anais. Ilhéus, Bahia. Universidade Estadual de Santa Cruz. 2010. Acesso em: 13 de setembro de 2018. Disponível em: www.uesc.br/eventos/sepexle/index.php?item=conteudo-anais-iii.php;
- SANTOS, M.E. dos., SANTOS, M.E.M. dos. Qualificação Profissional e Aquisição de Fluência da Língua Inglesa através de Programas de Intercâmbio. 2008. Acesso em: 16 de setembro de 2018. Disponível em: seer.upf.br/index.php/ser/article/viewFile/1767/1175;
- SOUZA, S.C.; DOURADO, L. Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): Um Método de Aprendizagem Inovador para o Ensino Educativo. HOLOS, Ano 31, Vol. 05. 2015. Acesso em: 08 de setembro de 2018. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/2880/1143>;
- VIEBIG, R.G.; PARDINI, F. O inglês é preciso. Arquivos de Gastroenterologia. v. 46 – no.3 – jul./set. 2009. ResearchGate. Acesso em: 08 de outubro de 2018. Disponível em: www.researchgate.net/publication/250022379_Ingles_e_preciso;
- VILAÇA, M.L.C. *English for Specific Purposes: Fundamentos do Ensino de Inglês para Fins Específicos*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. ISSN-1678-3182. v.9, p.1-12. 2010. Acesso em: 30 de julho de 2018. Disponível em: www.marciovilaca.com;
- VYGOTSKY, L. S. Obras Escogidas. Tomo III. 2.ed. Madrid: Visor, 2000;
- YU, W.C. W. *Nursing Professionals' Evaluation in Integrating the Computers in English for Nursing Purposes (ENP) Instruction and Learning*. TOJET: The Turkish Online Journal of Educational Technology, 2013. Vol. 12, Issue 4, p 124 -139, Acesso em: 04 de junho de 2015. Disponível em: <http://tojet.net/volumes/v12i4.pdf>.

1. Mestre em Educação. E-mail de contato: patriciaferraz70@gmail.com

2. Mestre em Educação. E-mail de contato jamersonj34@gmail.com

3. Doutor em Biologia. Professor do PPG/Faculdade ALPHA e do Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, Recife-PE-Brasil. E-mail: gusmao.diogenes@gmail.com

4. Uma atitude ativa é indispensável na aprendizagem do inglês porque pode direcionar os esforços dos estudantes em aprenderem inglês eficientemente, e isso pode descrever o sucesso deles na aprendizagem do inglês.

5. Na escola, a maioria dos livros de assuntos específicos e revistas profissionais são escritos em inglês, embora muito mais foram traduzidos para línguas locais para melhorarem a compreensão. (traduções feitas pela autora)